



**Adoecer ou a dor de ser? Quando a história se desvela no corpo  
(Teoria e clínica de um médico psicanalista)**

Alice Bahia Sinay



*Eu já contei para vocês a anedota do jacaré embaixo da cama? Um sujeito, em quase todas as sessões, dizia ao seu analista que estava com medo e inquieto por causa de um jacaré que habitava embaixo de sua cama. O analista acreditava que o jacaré era uma metáfora e tentava levar o sujeito a falar de suas verdadeiras angústias e ansiedades, de seus medos e traumas. Até que um dia ele não compareceu à sessão. O analista estranhou e resolveu telefonar para a casa dele e saber o que tinha acontecido. Alguém, do outro lado da linha, lhe disse que o sujeito tinha sido devorado pelo jacaré que habitava embaixo de sua cama (entrevista de 18 de agosto de 2016) (SINAY NEVES, 2018, p. 56).*

Duvidar, seja da inexistência de jacarés debaixo de camas, seja dos próprios diagnósticos - mesmo lastreados em anos de clínica e leituras seminárias - parece ser virtude em um sujeito que se propõe psicanalista. Dogmas, afinal, uma



vez compreendidos como fechamentos de verdade, são estruturas muito mais pra lá do psicóticas, do que do analíticas.

Este é um pressuposto e um condutor, não só do ofício, mas de toda a existência de Ricardo Sinay Neves, médico, psicanalista e autor, em parceria com Soleni Biscouto Fressato e Jorge Nóvoa, de *Adoecer ou a dor de ser? Quando a história se desvela no corpo (Teoria e clínica de um médico psicanalista)* (Curitiba: Editora Prismas, 2018. 325 p.).

Adotar, em um "para além-Freud", como principais referências teóricas os heterodoxos - e pouquíssimo conhecidos no Brasil - trabalhos de Georg Groddeck (1866-1934) e Sándor Ferenczi (1873-1933), é algo que, por si só, já poderia despertar interesse no que Ricardo tem a dizer em termos de teoria.

Acumular décadas de experiência acadêmica e profissional - Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública Hospital de Base (DF), Hospital Roberto Santos (BA), Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira (BA) e Hospital Santo Antônio (BA) - colecionando larga coletânea de casos analisados através dessas lentes teóricas, é, por sua vez, indício de que uma narrativa dos seus relatos clínicos seria valiosa.

Estar "na contramão de um certo pedantismo, - facilmente encontrado em círculos intelectuais - e frequentemente aliado a uma mise-en-scène que desumaniza os psicanalistas tentando insistentemente, forjá-los - em suas autoimagens narcísicas - numa espécie de semideuses, além de falar sobre uma posição ética de Ricardo, é fato que, somado aos primeiros, faz com que sua trajetória reflexiva mereça ser registrada.

Reconhecendo a importância de trazer à público "a originalidade em relação às experiências clássicas do setting psicanalítico" que o trabalho de Ricardo possui, Soleni Biscouto Fressato e Jorge Nóvoa idealizaram em 2015 a produção do livro que, em parceria dos três, teve sua execução atravessando os anos de 2016 e 2017.

Composta por uma série de entrevistas periodicamente realizadas por Soleni e Jorge no consultório de Ricardo, entre "conversas, risadas, cafés e biscoitos", a obra constitui-se uma reflexão sobre questões que cercam o adoecimento do indivíduo. Sujeito este que, apesar de nunca poder dizer o "tudo" em palavras - dada a própria condição existencial - deixa escapar em "metáforas-sintomas", afetos sofridos e irrefletidos. Que tenta, através do adoecimento do corpo dar conta do implacável que sempre é lidar com as próprias divisões.

Assim, tendo um ponto do qual partir e um objetivo a ser atingido, cada encontro-entrevista, além de momento de registro, foi espaço de construção e



desenvolvimento de um projeto que, apesar de não ter partes previamente programadas, revelou-se além de maciço, coerente e valioso. As perguntas, muitas vezes formuladas a partir do fluir expositivo realizado por Ricardo e sempre em prol de um refinamento da sua clareza, fizeram a apresentação de um conteúdo denso, ocorrer leve, divertida e deliciosamente.

A primeira parte do livro, *Memória e Autoanálise*, trata da presença da lógica psicanalítica na trajetória pessoal de Ricardo. Nela, o autor fala da psicanálise enquanto um modo de pensar, das funções de uma análise e de como, já nos primeiros contatos com a teoria de Georg Groddeck (1866-1934), pode ter, a partir da psicossomática e do conceito de *Isso*, uma nova compreensão do adoecimento humano. Mais do que um ofício, uma área do saber ou uma atividade terapêutica, Ricardo compreende a psicanálise como um modo de interpretação da realidade.

Partindo disso, fala do quanto um processo de análise deve promover, para além da reescrita do próprio romance familiar – ou da rememoração dos traumas infantis – o acesso a uma lógica que, uma vez aplicada, habilita ao sujeito para a percepção das estruturas desejantes que sustentam as relações humanas. Pensar psicanaliticamente, é, para ele, a possibilidade de uma vez desveladas as regras, fazer melhores jogadas. Sofrer e adoecer menos.

No que tange ao sofrimento, o autor também fala do seu ao ter, pela primeira vez, contato com o trabalho de Georg Groddeck. “Um atentado a minha vaidade”. Já em 1923, o médico alemão havia escrito sobre o que Ricardo acreditava estar desenvolvendo em termos de teoria – e muito mais. Apesar disso, o encantamento inicial com o que encontrara na obra seu “guru teórico”, foi, ao longo dos anos – e dos casos clínicos – se convertendo na convicção do quão valiosa é a explicação que Groddeck oferece sobre como e porque se adocece.

A segunda parte do livro, *Corpo, Saúde e Doença*, trata, partindo da elaboração teórica de Sándor Ferenczi (1873-1933), sobre o “porque” se perde a saúde. Assim, se suscita a possibilidade de compreender determinadas doenças como mecanismos “compensatórios e protetores”, que podem, manifestando-se, proporcionar conveniente justificativa para que o sujeito desvie a atenção de conflitos que lhe fazem sofrer.

Com considerações a escritos de Françoise Dolto (1908-1988), Melanie Klein (1882-1960), Michael Balint (1896-1970), Donald W. Winnicott (1896-1971), Victor Tausk (1879-1919), Otto Rank (1884-1939), Lou Andréas Salomé (1861-1937), Sabine Spielrein (1888-1942), esta parte da obra apresenta um rico e amarrado quadro de referências teóricas bem empregadas, além de uma série de bem



humoradas ilustrações de conceitos, elaboradas por Ricardo a partir das vastas experiência clínica e criatividade que possui.

Na terceira, parte do livro, *Função do Analista e a Experiência Clínica*, trata-se do que - como o título sugere - Ricardo acredita ser o papel de um psicanalista. Assim, na contramão de um senso comum - e, infelizmente, muitas vezes teórico - o analista não é um desfazedor de sintomas, glosador de relações ou comentarista de dinâmicas intersubjetivas. Ele é, em primeiro lugar, um sujeito que por escolha - mesmo neurótica - vive do oferecimento da sua escuta, e da possibilidade de - atendidos os requisitos transferenciais - auxiliar num "ouvir-se". Só a ocorrência deste último é que permite a melhora da vida ao fazer análise.

Com isso, correlaciona o papel de um analista à função do "morto" em um jogo de cartas. "O que o morto traz?" diz, "Uma nova perspectiva para o jogo. O analista tem que estar muitas vezes nessa posição de trazer o novo, para ver se o sujeito vai circular de outra forma." Visto o analista como pólo também ativo deste processo, não é possível que dele o saia intocado.

É justamente pela própria condição de dinamicidade de uma análise, incompatível com posições fortemente dogmáticas, que é absurdo estas últimas ainda se fazerem tão presentes nos tradicionais redutos das instituições psicanalíticas. Para Ricardo, é "num projeto de bom humor, de bem-estar, de alegria, de sentido de vida, que a psicanálise deve, em última instância, estar centrada."

Com brilhante Prelúdio de Luiz Eduardo Prado de Oliveira, e valiosíssima Introdução de Soleni Biscouto Fressato e Jorge Nóvoa, *Adoecer ou a dor de ser?* é um livro que a quem vive - e por isso sente, e por isso sofre e por isso adocece - interessa. E por isso um livro poderia ser uma boa ideia.